

OS DEUSES DA CIDADE*

Italo Calvino

Para ver uma cidade não basta estar de olhos abertos. É preciso antes de mais nada deixar de lado todas as coisas que impedem vê-la, todas as idéias recebidas, as imagens pré-constituídas que continuam a atravancar o campo visivo e a capacidade de compreender. É preciso depois saber simplificar, reduzir ao essencial o enorme número de elementos que a cada segundo a cidade coloca diante dos olhos de quem a olha, e ligar os fragmentos dispersos num desenho analítico e ao mesmo tempo unitário, como o diagrama de uma máquina, pelo qual se possa entender como funciona.

A comparação da cidade com a máquina é ao mesmo tempo pertinente e extraviante. Pertinente, porque uma cidade vive na medida em que funciona, isto é, serve para nela se viver e fazer viver. Extraviante, porque diferentemente das máquinas que são criadas com vistas a uma determinada função, as cidades são todas, ou quase todas, o resultado de sucessivas adaptações a funções diversas, não previstas em seu plano precedente. (Penso nas cidades italianas, com sua história de séculos e de milênios).

Mais do que com a máquina, é a comparação com o organismo vivo na evolução da espécie que pode nos dizer algo de importante sobre a cidade: do mesmo modo que, ao passar de uma era para outra, as espécies vivas adaptam seus órgãos a novas funções ou desaparecem, assim acontece com as cidades. E é preciso não esquecer que na história da evolução cada espécie carrega consigo caracteres que parecem resíduos de outras eras, na medida em que não correspondem mais a necessidades vitais, mas que, em novas condições ambientais, poderão ser aqueles que salvarão a espécie da extinção. Do mesmo modo, a força da continuidade de uma

cidade pode consistir em caracteres e elementos que hoje parecem prescindíveis porque esquecidos ou negados por seu funcionamento atual.

Lento ou rápido que seja, cada movimento que atua na sociedade deforma e readapta ou degrada irremediavelmente (o tecido urbano, sua topografia, sua sociologia, sua cultura institucional e sua cultura de massa (digamos: a sua antropologia). Acreditamos estar olhando a mesma cidade, e estamos diante de outra, ainda inédita, ainda a ser definida, para a qual valem "instruções para o uso" diversas e contraditórias, e no entanto, aplicadas, de maneira consciente ou não, por grupos sociais de centenas de milhares de pessoas.

As transformações dos aglomerados urbanos após a revolução industrial, na Inglaterra da primeira metade do século dezanove, foram incontroladas e catastróficas e condicionaram a vida de milhões de pessoas; mas foi preciso passar dezenas de anos antes que os ingleses se dessem conta do que estava acontecendo. Dickens, que foi talvez o primeiro a sentir o clima desta época nos aspectos espectrais de Londres e nos contragolpes sobre os destinos individuais, não registra em nenhum momento imagens que se referiam diretamente à condição operária. Nem quando deve descrever uma visita sua a Manchester, onde os bairros operários e o trabalho nas fábricas têxteis oferecem o quadro mais dramático, consegue dizer aquilo que viu, como se uma censura interior o tivesse apagado de sua mente.

Pouco depois, é Carlyle que vai visitar Manchester: a sensação que permanece nele e voltará mais de uma vez em sua obra, no começo com acentos de angústia e depois de exaltação, é o imprevisto fragor que o acorda de ma-

drugada, o qual não compreende logo a origem: os milhares de teares que começam a funcionar todos ao mesmo tempo.

Será preciso esperar que um jovem alemão, filho do proprietário de uma daquelas fábricas têxteis, escreva um ensaio famoso, para que Manchester, aquela Manchester, se torne o modelo mais típico e mais negativo de uma cidade industrial. Porque somente ele, Friederich Engels, reúne em si várias condições que os outros não tinham: um olhar que vem de fora (enquanto estrangeiro) mas também de dentro (enquanto pertencente ao mundo dos patrões), uma atenção ao "negativo" própria da filosofia de Hegel em que se formou, uma determinação crítica e desmistificadora a que o leva a orientação socialista.

Estou resumindo o livro recente de um estudioso americano (Steves Marcus *Engels, Manchester and the Working Class*, Randon House, 1974) que reconstituiu como o jovem Engels em seu primeiro livro viu e descreveu aquilo que os outros tinham diante dos olhos, mas cancelavam de suas mentes. O intento de Steves Marcus (um crítico literário que aplica com inteligência sua pesquisa a textos extra-literários), é o de buscar a gênese de uma imagem ao mesmo tempo visual e conceitual, que no momento em que é expressa aparece logo evidente e incontroversa, mas que é o resultado de um processo cognoscitivo não tão óbvio e "natural" como parece.

O exemplo de Manchester estudado por Marcus é útil como ilustração retrospectiva da idéia que eu procurava focalizar, referindo-me aos dias de hoje. Penso nas tantas cidades italianas que nestes meses parecem voltar a olhar para si mesmas, depois de anos passados como às cegas. Novas administrações sucedem-se ao malgoverno de vários decênios: um longo período que viu a urbanização de massas enormes, sem nenhum plano que previsse sua inserção, uma época em que a força dos interesses particulares, declarados ou escondidos, corroe qualquer projeto de desenvolvimento sensato. É com olhos

novos que hoje se volta a olhar a cidade, e o que se tem diante dos olhos é uma cidade diversa, onde composição social, densidade de habitantes por metro construído, dialetos, moral pública e familiar, divertimentos, estratificações do mercado, modos de engenhar-se para suprir a deficiência dos serviços, de morrer ou sobreviver nos hospitais, de aprender nas escolas ou nas ruas, são elementos que se compõem num mapa intrincado e fluído, difícil de reconduzir à essencialidade de um esquema. Mas é deste ponto que é preciso partir para entender antes de tudo como é feita a cidade, e depois como é possível refazê-la.

De fato, a clarividência crítica da negatividade de um processo já avançado não pode hoje bastar: este tecido, com suas partes vitais (mesmo se apenas de uma vitalidade biológica e não racional) e com suas partes desagregadas ou cancerosas, é o material a partir do qual a cidade de amanhã tomará forma, de um jeito ou de outro, de acordo com nossas intenções, se soubermos ver e intervir hoje; contra elas, se não soubermos. Quanto mais negativa for a imagem que tivermos do hoje, tanto mais será necessário projetar uma imagem positiva para a qual devemos tender.

Dito isto, ressaltada desta maneira a necessidade de levar em conta como cidades diversas se sucedem e se sobrepõem sob um mesmo nome de cidade, é preciso não perder de vista qual foi o elemento de continuidade que a cidade perpetuou ao longo de toda sua história, aquele que a distinguiu das outras cidades e lhe deu um sentido. Toda cidade tem seu "programa" implícito que deve saber reencontrar toda vez que o perde de vista, sob pena de extinção. Os antigos representavam o espírito da cidade com aquele tanto de vago e aquele tanto de preciso que a operação comporta, evocando os nomes dos deuses que tinham presidido sua fundação: nomes que equivalem a personificações de atitudes vitais do comportamento humano e deviam garantir a vocação profunda da cidade, ou então, personificações de elementos ambientais,

um curso d'água, uma estrutura do solo, um tipo de vegetação, que deviam garantir sua persistência como imagem através de todas as transformações sucessivas, como forma estética, mas também como emblema de sociedade ideal. Uma cidade pode passar através de catástrofes e

medievos, ver estirpes diversas suceder-se em suas casas, ver mudar suas casas pedra após pedra, mas no momento justo, sob formas diversas, reencontrar seus deuses.

Tradução de Liliana Laganà

Nota

Calvino, Italo "Gli dei della Città" In: Una Pietra Sopra. Milão, Arnoldo Mondadori Editore, 1995.

